



SERVIÇO PÚBLICO FEDERAL
UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARÁ
CAMPUS UNIVERSITÁRIO DE ABAETETUBA
FACULDADE DE EDUCAÇÃO E CIÊNCIAS SOCIAIS

ERICK FERNANDO FIGUEIREDO FERREIRA

**O ENSINO DE HISTÓRIA NOS ANOS INICIAIS DO ENSINO
FUNDAMENTAL I: A CACHAÇA COMO “LUGAR DE MEMÓRIA” NO
MUNICÍPIO DE ABAETETUBA/PA.**

ABAETETUBA/PA
2023

ERICK FERNANDO FIGUEIREDO FERREIRA

O ENSINO DE HISTÓRIA NOS ANOS INICIAIS DO ENSINO FUNDAMENTAL I: A CACHAÇA COMO “LUGAR DE MEMÓRIA” NO MUNICÍPIO DE ABAETETUBA/PA.

Trabalho de Conclusão de Curso, em formato de Artigo Científico (IN- 02/2023-PROEG/UFPA), apresentado à Universidade Federal do Pará, como requisito parcial para obtenção do Grau de Licenciatura em Pedagogia, sob a orientação da Prof. Dr. Sérgio Bandeira do Nascimento.

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) de acordo com ISBD
Sistema de Bibliotecas da Universidade Federal do Pará
Gerada automaticamente pelo módulo Ficat, mediante os dados fornecidos pelo(a) autor(a)

F383e Ferreira, Erick Fernando Figueiredo.
 O ensino de história dos anos iniciais do ensino fundamental I: :
 a cachaça como "lugar de memória" no município de
 Abaetetuba/PA / Erick Fernando Figueiredo Ferreira. — 2023.
 28 f. : il. color.

 Orientador(a): Prof. Dr. Sérgio Bandeira do Nascimento
 Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação) - Universidade
 Federal do Pará, Campus Universitário de Abaetetuba, Curso de
 Pedagogia, Abaetetuba, 2023.

 1. Cachaça. 2. Ensino de História. 3. História oral. 4.
 Lugares de memória. 5. Memória. I. Título.

CDD 153.1

ERICK FERNANDO FIGUEIREDO FERREIRA

O ENSINO DE HISTÓRIA NOS ANOS INICIAIS DO ENSINO FUNDAMENTAL I: A CACHAÇA COMO “LUGAR DE MEMÓRIA” NO MUNICÍPIO DE ABAETETUBA/PA.

Trabalho de Conclusão de Curso, em formato de Artigo Científico (IN- 02/2023-PROEG/UFGA), apresentado à Universidade Federal do Pará, como requisito parcial para obtenção do Grau de Licenciatura em Pedagogia, sob a orientação da Prof. Dr. Sérgio Bandeira do Nascimento.

Data de aprovação: ____/____/____

Banca Examinadora:

Prof. Dr. Sérgio Bandeira do Nascimento – Orientador
(UFGA)

Profa. Dra. Mariza Felliipe Assunção – Examinadora
(UFGA)

O Ensino de História nos anos iniciais do Ensino Fundamental I: a Cachaça como “lugar de memória” no município de Abaetetuba/PA.

Erick Fernando Figueiredo Ferreira¹

Profº. Sérgio Bandeira do Nascimento²

**“Só de pensar na *mardita*
me alembrei de Abaeté”**

(Paulo André e Ruy Barata)

Resumo: O presente artigo aborda a temática do ensino de História e suas metodologias, as quais segundo a escola dos Annales, são ferramentas importantes que auxiliam o educador. Tendo como indicador metodológico a pesquisa bibliográfica, a presente escrita procurou evidenciar a importância da cultura local por meio da valorização da memória dos habitantes do Município de Abaetetuba/PA, indicando a Cachaça como um “lugar de memória”. Como fundamentação teórica, utilizou-se principalmente Silva e Silva (2009), Bittencourt (2004) e Nora (2012) que postulam em suas obras a respeito da virada histórica e a influência desse acontecimento no trabalho dos historiadores. Como considerações finais, o artigo ressalta a visão tradicionalista quanto ao ensino de história nas escolas, sendo algo negativo, uma vez que os registros dos acontecimentos históricos são contados pelos grandes personagens e são mostrados somente os feitos dos mesmos, portanto, evidencia-se a importância e necessidade da valorização da memória e da cultura local, afim de manter viva a história que cerca e colabora para a construção do cidadão abaetetubense, além de apontar para uma eminente desconstrução profissional que almeja uma abertura para a inserção de novos procedimentos metodológicos para o ensino da disciplina de História.

Palavras-Chave: Cachaça; Ensino de História; História Oral; Lugares de memória; Memória;

Abstract: This article approaches the theme of teaching History and its methodologies, which according to the Annales school, are important tools that help the educator. Having bibliographical research as a methodological indicator, this writing sought to highlight the importance of local culture through the appreciation of the memory of the inhabitants of the Municipality of Abaetetuba/PA, indicating Cachaça as a “place of memory”. As a theoretical foundation, Silva and Silva (2009), Bittencourt (2004) and Nora (2012) were mainly used, who postulate in their works about the historical turn and the influence of this event on the work of historians. As final considerations, the article emphasizes the traditionalist view regarding the teaching of history in schools, which is something negative, since the records of historical events are told by great characters and only their deeds are shown, therefore, the importance and necessity of valuing memory and local culture, in order to keep alive the history that surrounds and collaborates for the construction of the citizen of Abbaetetubo, in addition to pointing to na eminent professional deconstruction that aims at na opening for the insertion of new methodological procedures for the teaching the discipline of History.

Keywords: Liquor; History Teaching; Oral History; Memory places; Memory;

¹ Erick Fernando Figueiredo Ferreira: Graduando do curso de Pedagogia, UFPA – Campus de Abaetetuba. E-mail: ef14934@gmail.com.

² Prof. Dr. Sérgio Bandeira do Nascimento: Docente da FAECS, UFPA – Campus de Abaetetuba. E-mail: Sergbandeira@ufpa.br.

INTRODUÇÃO

O presente trabalho, cuja temática debruça-se sobre o ensino de história para os anos iniciais do ensino fundamental I, a história local e lugares de memória é resultado de nossas experiências vivenciadas na disciplina Fundamentos Teóricos e Metodológicos do Ensino de História, ministrada pelo docente Sergio Bandeira do Nascimento, durante sua atuação na turma de Pedagogia-2018, da Universidade Federal do Pará – Campus de Abaetetuba. Dessa forma, essas vivências presenciadas e compartilhadas no ambiente acadêmico, nos inspiraram para a produção do presente artigo como estudo para o nosso Trabalho de Conclusão de Curso, cujo objetivo principal consiste em problematizar a importância da história local para o ensino de História nos anos iniciais do ensino fundamental I, referenciando-se a cachaça como um lugar de memória no município de Abaetetuba.

Nossas problematizações e questionamentos iniciais começam a ganhar destaque a partir da leitura e discussão da obra “O perigo de uma história única” da autora nigeriana Chimamanda Adichie (2009), na qual evidencia-se a necessidade de discutir a história sobre diferentes perspectivas, em especial a perspectiva do próprio autor-personagem. Para Adichie (2009), essa compreensão evita a criação de estereótipos, os quais são informações incompletas e se tornam uma verdade inventada por outrem que tem como intuito a criação de uma história única (2009, p. 13), distorcida e propagada até se tornar aceita por todos. É importante pontuar ainda que, conforme a autora menciona, todas as histórias importam, todas precisam serem contadas, no entanto, “foram usadas para espolar e caluniar”, e conclui que essas mesmas histórias possuem a capacidade de “empoderar e humanizar” (2009, p. 15). Logo, as histórias precisam ser transmitidas por seus autores-personagens a fim de dar-lhes o devido reconhecimento.

Ainda na sequência das discussões propostas na disciplina trabalhada durante o curso de pedagogia, refletimos em sala sobre alguns conceitos históricos centrais para a nossa compreensão em torno do estudo da história, com destaque à “História Oral”, importante fonte histórica para a proposição do trabalho que pretendemos desenvolver e que serve de base para este estudo. Em seus postulados teóricos, os autores Silva; Silva (2009), retratam a importância de se valorizar os depoimentos orais, como as entrevistas, que são elementos imprescindíveis no processo da construção histórica de uma determinada realidade. Nesse sentido, a história oral é considerada como fonte identitária de um povo, capaz de retratar as realidades, as vivências

e os modos de vida de uma comunidade em cada tempo mediante as suas mais variadas sociabilidades.

A partir desses aspectos, também refletimos sobre as abordagens historiográficas, a exemplo da Escola dos Annales que abre uma gama de possibilidades interpretativas, com novos temas e problemas, além de outros métodos de estudar História que impactaram na experiência investigativa do historiador e em sua dimensão social, possibilitando novos questionamentos sobre o passado, a partir dos quais têm se produzido outras narrativas históricas. Ainda neste viés, torna-se evidente a relevância das vivências humanas e as memórias de pessoas que constituíram uma história, mesmo que esses indivíduos estejam à margem da história tradicionalmente estabelecida. Depreende-se portanto, que a pesquisa tem como característica evidenciar os sujeitos que possivelmente não obtiveram prestígio ou reconhecimento na sociedade em que vivemos, todavia possuem uma história e por isso são relevantes para o processo historiográfico e representativo de sua localidade.

É compreensível que o processo vivenciado no decorrer da disciplina FTM do Ensino de História, permitiu refletir acerca de outro importante conceito, “lugares de memória”, para problematizarmos a importância da história local e a valorização do Município de Abaetetuba, como também para pensar sobre as possibilidades de seu uso para o ensino de História nos anos iniciais do Ensino Fundamental. A partir desses entendimentos iniciais, elegemos a “cachaça”, um produto historicamente relacionado com o nosso Município, como um “Lugar de memória”. Portanto, é basilar considerá-la como elemento importante para a constituição histórica do nosso lugar e por meio dela, evidenciaremos as linhas da pesquisa de campo relacionada a produção da cachaça em nosso Município e expressada na epígrafe deste estudo, “só de pensar na *mardita*, me alembrei de Abaeté”

O ponto de partida que orienta e aponta as direções de escrita desse trabalho são orientados pelo seguinte questionamento de pesquisa: qual a importância da história local para o ensino de História nos anos iniciais do ensino fundamental I? Seguindo esse direcionamento, é que buscaremos trazer à tona uma resposta que condiz com os aportes teóricos de autores como Almeida (1998), Bitencourt (2009), Canto (2012), Costa (2021), Fonseca (2009A), Fonseca (2009B), Nora (2012), Silva; Silva (2009) e Nascimento e Moraes (2013). No que tange à questão metodológica o nosso estudo está amparado por uma pesquisa bibliográfica. De acordo com Gil (2002, p. 44) essa categoria “é desenvolvida com base em material já elaborado, constituído principalmente de livros e artigos científicos”, para ele, este modelo de pesquisa

permite “ao investigador a cobertura de uma gama de fenômenos muito mais ampla do que aquela que poderia pesquisar diretamente” (2002, p. 45).

Assim, o presente artigo, levando em consideração o modelo canônico da escrita acadêmica está organizado em três partes. Na primeira, a discussão gira em torno da virada historiográfica a partir da Escola dos Annales com sua contribuição na metodologia do ensino; na segunda, o objeto de escrita é a memória, os “lugares de memória” e a história oral, ferramentas que são usadas no trabalho dos historiadores, e que podem ser inseridas no ensino escolar. E, na terceira, o processo de escrita debruça-se sobre a descrição e análise da experiência oriunda da utilização da história da cachaça em Abaetetuba/PA, evidenciando-a como um lugar de memória por meio das lembranças de moradores de Abaetetuba que vivenciaram esse período histórico.

A VIRADA HISTORIOGRÁFICA E SEUS POSSÍVEIS REFLEXOS NO ENSINO DE HISTÓRIA NOS ANOS INICIAIS DO ENSINO FUNDAMENTAL.

Em nossa formação como profissionais do campo da pedagogia, o nosso propósito maior é a docência, inclusive da disciplina História, uma vez que durante o processo de formação, temos contato com algumas disciplinas que tratam sobre o conhecimento histórico. Nós, os futuros profissionais seremos os mediadores no processo de ensino-aprendizagem das crianças na educação infantil e nos anos iniciais do ensino fundamental, que precisam adentrar em várias áreas do conhecimento. Porém, essa aproximação ainda é superficial, e cabe a eles a busca por aprofundamento em cada campo de conhecimento, para o exercício da historiografia.

Para Silva e Silva (2009) a historiografia,

[...] nos permite, por meio do estudo daqueles que escreveram a História antes de nós e do processo de como escreveram essas histórias, entender os elementos comuns aos intelectuais de um mesmo período. E, nesse sentido, a historiografia é uma forma de se estudar a História das ideias. Mas para Bourdê e Martin, a maior utilidade dessa disciplina é demonstrar, pela observação dos historiadores passados, que todo historiador sofre pressões ideológicas, políticas e institucionais, comete erros e tem preconceitos. Além disso, a única forma de um historiador ser objetivo e isento é conhecendo o trabalho e os erros dos que vieram antes. (p. 189)

A linha historiográfica e o processo de ensino-aprendizagem dos conteúdos na disciplina de História no âmbito das escolas foi marcado pelo tradicionalismo, em que era pensada a partir de grandes personagens e fatos políticos, situação que implicava diretamente no que era

ensinado, caracterizando-a como uma disciplina decorativa, com perguntas e respostas prontas, com a repetição e memorização de nomes, fatos, datas, isto porque se fazia presente um instrumento importante para tal prática, os também tradicionais livros didáticos, que sempre acompanhavam os professores em suas atividades docentes³. Para Bittencourt (2004),

O contexto da produção da História escolar é significativo para identificar as relações entre os diversos elementos constituintes da disciplina, ou seja, entre objetivos, conteúdos explícitos e métodos. A análise da disciplina em sua “longa duração” visa fornecer alguns indícios para a compreensão da permanência de determinados conteúdos “tradicionais” e do método da “memorização”, responsável por um slogan famoso da História escolar: uma “matéria decorativa” por excelência (BITENCOURT, 2004, p. 60)

Nesta perspectiva, é muito importante considerar a virada historiográfica proposta pela Nova História originada pela Escola dos Annales⁴, que além de uma abertura e reestruturação dos conteúdos da disciplina de História, possibilitou a implementação de novas metodologias para o ensino pelos professores. Contudo, no emergir do movimento que mudou a metodologia do trabalho dos historiadores, surgiram muitas críticas negativas, pois presumiu,

[...] a incorporação massiva e cada vez mais progressiva, de fontes antes desconsideradas, tais como fotografias, diários pessoais, notícias de jornais, poesias, músicas, filmes, memórias. Pessoas externas aos espaços centrais de determinação do poder passaram a ser inclusas entre os sujeitos da História, qualificados como capazes de agenciamento na História. Assim, conforme adiantamos, trabalhadores, mulheres e crianças, grupos étnicos considerados minoritários como negros e indígenas, além daqueles de uma forma ou outra, afastados do convívio social, tais como os alienados mentais e os encarcerados nos sistemas prisionais, puderam integrar um leque cada vez mais ampliado, a formar como atores na ribalta histórica. (COSTA, 2021, p. 23)

Constata-se, portanto, que o ensino da história possui uma função importante no processo educacional das novas gerações, visto que tem “a perspectiva de contribuir na construção da identidade sócio-cultural e a formação de seus alunos para o exercício da cidadania por meio dos conhecimentos reunidos na disciplina História” (NASCIMENTO; MORAIS, 2013, p. 141). Deve-se haver a preocupação em como poderemos atingir esses objetivos considerando-se um padrão historiográfico que em vez de ampliar o estudo sobre múltiplos sujeitos e temas, ainda pode estar ancorada em um modelo tradicional. A proposta é

³ É bom frisar que nossa escrita não é contrária ao uso do livro didático nas aulas, o que é denunciado é a utilização do livro como única ferramenta para o ensino da disciplina, o que suplanta todas as possibilidades que se podem colocar em prática.

⁴ A fundação, na França, da revista Annales, em 1929, e da École Pratique des Hautes Études, em 1948, iria dar impulso a um profundo movimento de transformação no campo da história. Em nome de uma história total, uma nova geração de historiadores, conhecida como a École des Annales, passou a questionar a hegemonia da história política, imputando-lhe um número infindável de defeitos – era elitista, anedótica, individualista, factual, subjetiva, psicologizante. Em contrapartida, esse grupo defendia uma nova concepção, em que o econômico e o social ocupavam lugar privilegiado (FERREIRA, 1994, p. 2).

portanto, a utilização da história do lugar, aplicar atividades para usar como ferramenta a história oral, fazendo registros da memória.

MEMÓRIA, LUGARES DE MEMÓRIA E HISTÓRIA ORAL

Para melhor compreendermos o passado e o presente de sujeitos uma regressão ao passado, através da memória, se faz muito pertinente; pois ela, a memória, é “composta pelas lembranças vividas pelo indivíduo e que lhe foram repassadas, mas que não lhe pertencem somente, e são entendidas como propriedade de uma comunidade, um grupo” (SILVA, K.; SILVA, M., 2009, p. 276). Assim sendo, se torna evidente que a memória é uma fonte rica de conhecimento vivenciada por indivíduos, e portanto, é uma ótima fonte de estudo e análise.

Segundo o exposto, nota-se a elevada importância que a memória apresenta na valorização da existência humana, e de acordo com Almeida (1998),

É nesse terreno da memória que se sustentam categorias como paixão, prazer, desejo, esforço, vontade, fé, resistência coragem e muitas outras que se entrelaçam na complexidade da existência humana. Ao mesmo tempo, a memória, fruto da subjetividade de cada um, dos sonhos almejados e perdidos que se arquivam nos sótãos empoeirados de uma longa existência, possibilita desvios de interpretações equivocadas dependentes da vida que se viveu e do êxito ou malogro das experiências (ALMEIDA, 1998, p. 53)

O conceito, popularmente conhecido e repassado sobre o que seria a memória, é divergente quando comparado à conceituação de intelectuais. No entanto, o sentido da palavra é próximo quando analisado sob as duas perspectivas, tanto pelo viés popular, ou seja, pelo conhecimento que emana das relações cotidianas e populares, ou pela experiência científica que surge da investigação. Ao deparar-se com a expressão “lugares de memória”, o leitor em uma primeira impressão supõe que conheça do que se trata, e de fato compreende mesmo que parcialmente, ou superficialmente, esse entendimento, mesmo que raso é um ótimo ponto de partida para o entendimento mais profundo do que vem a ser a definição do termo propriamente dito. Essa expressão foi idealizada e evocada por Pierre Nora (1993), intelectual francês, que para tratar sobre a temática em questão, primeiramente reflete sobre a “aceleração da história, que segundo ele trata-se de,

uma oscilação cada vez mais rápida de um passado definitivamente morto, a percepção global de qualquer coisa como desaparecida – uma ruptura do equilíbrio. O arrancar do que ainda sobrou de vivido no calor da tradição, no mutismo do costume, na repetição do ancestral, sob o impulso de um sentimento histórico profundo. A ascensão à consciência de si mesmo sob o

signo do terminado, o fim de alguma coisa desde sempre começada (NORA, 1993, p. 07)

A partir da conceituação do autor, o interesse pelos lugares onde tem registros da história, é atribuído à contemporaneidade, onde “há locais de memória porque não há mais meios de memória” (NORA, 1993, p. 07). Esse fenômeno é atribuído a nível mundial, e é resultado das transformações; mudanças, ao longo dos tempos, bem como a “mundialização, [...] democratização, [...] massificação, [...] mediatização” (NORA, 1993, p. 08). Todos os fatores mencionados colaboraram para o que é considerado pelo autor como o

Fim das sociedades-memória, como todas aquelas que asseguravam a conservação e a transmissão dos valores, igreja ou escola, família ou Estado. Fim das ideologias-memórias, como todas aquelas que asseguravam a passagem regular do passado para o futuro, ou indicavam o que se deveria reter do passado para preparar o futuro; quer se trate da reação, do progresso ou mesmo da revolução. Ainda mais: é o modo mesmo da percepção histórica que, com a ajuda da mídia, dilatou-se prodigiosamente, substituindo uma memória voltada para a herança de sua própria intimidade pela película efêmera da atualidade (NORA, 1993, p. 08).

Nora (1993) expressa que ainda mais importante que o lugar da memória são as sobras. Estas para o autor, são os rituais de uma sociedade sem rituais; a santificação efêmera numa sociedade profana; as alianças idiossincráticas de uma sociedade que nivela o particularismo; a diferenciação efetiva numa sociedade por princípio nivelada; um sinal de reconhecimento e pertença a um grupo em uma sociedade que reconhece indivíduos iguais e idênticos. O referido autor, enuncia também que

São lugares, com efeito nos três sentidos da palavra, material, simbólico e funcional, simultaneamente, somente em graus diversos. Mesmo um lugar de aparência puramente material, como um depósito de arquivos, só é lugar de memória se a imaginação o investe de uma aura simbólica. Mesmo um lugar puramente funcional, como um manual de aula, um testamento, uma associação de antigos com- batentes, só entra na categoria se for objeto de um ritual. Mesmo um minuto de silêncio, que parece o exemplo extremo de uma significação simbólica, é ao mesmo tempo o recorte material de uma unidade temporal e serve, periodicamente, para uma chamada concentrada da lembrança. Os três aspectos coexistem sempre. Trata-se de um lugar de memória tão abstrato quanto a noção de geração? É material por seu conteúdo demográfico; funcional por hipótese, pois garante, ao mesmo tempo, a cristalização da lembrança e sua transmissão; mas simbólica por definição visto que caracteriza por um acontecimento ou uma experiência vividos por um pequeno número uma maioria que deles não participou (NORA, 1993, p. 21-22)

Portanto, os “lugares de memória” espaços físicos, praças, monumentos, prédios e datas comemorativas, são também os resquícios do passado, presentes na história, e que foram vivenciados pelos indivíduos, e que fazem parte da cultura de um povo, de uma cidade, de uma sociedade. Esses lugares, ganham visibilidade através da memória, e são fontes ricas que são

registradas por meio da “História Oral” que é “uma metodologia histórica que trabalha com depoimentos orais, realizando entrevistas a partir das quais o historiador constrói suas análises” (SILVA, K.; SILVA, M., 2009, p. 186). Esses mesmos autores inferem que

Desde seus princípios, a História Oral esteve marcadamente envolvida com as questões da memória humana, tanto coletiva quanto individual. E, nesse sentido, passou a ser um relevante meio de valorização das identidades de grupos sem escrita, por meio da coleta de seus depoimentos e da análise de sua memória, de sua versão do mundo e dos acontecimentos (SILVA, K.; SILVA, M., 2009, p. 186).

Para Nascimento e Moraes (2013):

A história oral se impôs nesses últimos anos como uma das metodologias que atende as recomendações e as necessidades de utilização de práticas de ensino adequadas ao novo contexto histórico educacional, previsto dentro dos PCN. As pesquisas feitas nesses últimos anos pelos historiadores orais de vários países descortinaram uma maior compreensão das recordações, procurando utilizar de modo mais amplo as memórias como fontes da pesquisa histórica (NASCIMENTO; MORAIS, 2013, p. 147)

Essa metodologia permite ao pesquisador entender alguns fatos, ou mais provável, registrar novos, a partir da memória “composta pelas lembranças vividas pelo indivíduo e que lhe foram repassadas, mas que não lhe pertencem somente, e são entendidas como propriedade de uma comunidade, um grupo” (SILVA, K.; SILVA, M., 2009, p. 276) Isso é essencial para dar voz às pessoas que muitas vezes estão à margem e são esquecidas.

DAS EXPERIÊNCIAS DA DISCIPLINA FTM DO ENSINO DE HISTÓRIA PARA AS TRILHAS DA HISTÓRIA LOCAL: A CACHAÇA COMO UM “LUGAR DE MEMÓRIA” EM ABAETETUBA/PA

Trouxemos para este trabalho a pesquisa realizada na disciplina FTMEH, que formam parte de um conjunto de trabalhos que tematizam sobre os lugares de memória em Abaetetuba-Pa e culminaram na produção de uma cartilha com os resultados dessas análises. A narrativa presente no material é protagonizada por duas pessoas que vivenciaram de perto o processo de produção da cachaça, objeto de estudo para se trabalhar a memória no Município. Dentro dessa escrita, busca-se mostrar a riqueza e importância da cultura local e sua relevância de ensino nas aulas de História pelos professores da referida disciplina.

A cidade de Abaetetuba é repleta de expressões culturais capazes de produzir história a partir das memórias dos antigos moradores, sujeitos participativos das construções desse

processo histórico que ainda é pouco valorizada. Anos atrás Abaetetuba era e é conhecida como a “terra da cachaça”, aspecto que deixou inúmeras lembranças fincadas no imaginário popular até mesmo para além da região do Baixo-Tocantins, bem como contribuições memoráveis para os indivíduos que integraram parte desse feito.

Para evidenciar esses espaços de memória, é necessário tomarmos o passado, percorrendo de pesquisas historiográficas já realizadas, para aperfeiçoarmos a história. Após a lei estadual n. 324, de 6 de julho de 1895 conceder o título de cidade à Abaeté, o processo de desenvolvimento alavancou, ainda ligado ao processo de colonização pelos europeus. Bezerra Neto (2001, p. 69, apud COELHO, et al. 2012, p. 65), destaca

Na região do Baixo Tocantins, em torno de Cametá, compreendendo as terras de Igarapé-Miri, Moju, Baião, Oeiras, Abaetetuba e Barcarena, constituiu-se igualmente uma antiga e tradicional área de cultivo agrícola, destacadamente a lavoura da cana-de-açúcar, além da coleta do cacau silvestre e cultivado, sendo o cacau cultivado em menor escala. (NETO 2001, p. 69, apud COELHO, et al. 2012, p. 65)

Nesse sentido, há a indicação da existência de engenhos em Abaetetuba, e que junto com Igarapé-Miri, tinham como base de sua economia, há mais de duzentos anos “um sistema agroindustrial de cultivo da cana-de-açúcar, de fabrico de aguardente e de outros gêneros em pequenos engenhos” (COELHO, et al. 2012, p. 65). Para discorrer acerca do objeto de pesquisa, buscamos realizar entrevistas com sujeitos que apresentam identificação com o tema abordado. A partir das narrativas feitas por cada um deles, é possível conhecer algumas versões a respeito da produção, economia e cultura envoltos à cachaça que marcou a história do município de Abaetetuba.

A primeira entrevista foi realizada no dia 28 de março de 2022, às 15 horas, com o senhor João Lobato Vilhena, conhecido como “Olívio”, morador do Rio Tauerá-Açú, na região das ilhas do Município de Abaetetuba-PA, 82 anos, nasceu no Rio Piquiarana, porém veio morar no Tauerá-Açú com 28 anos de idade, onde trabalhou há mais de 7 anos no engenho São Luiz localizado na localidade.

Fotografia 1 – Primeiro Entrevistado



Fonte: Ivone Barbosa de Vilhena, 2022.

De acordo com o sr. João, sua profissão “era meio que faz de tudo, trabalhava na carpintaria, dorna e outros”. Em prosseguimento ao seu depoimento o mesmo esclarece que a dorna

“Era um tanque, com boca larga que servia para acumular a garapa para aferventar a garapa, pra poder ir pro alambique pra fabricar a cachaça. O tanque era uma armação parece uma caixa de papelão, a garapa o engenho moía, a bomba puxava e levava pro tanque, lá ela aferventava a garapa, passava cinco dias, dez dias conforme, quando sentava a fervura da garapa, ia pro alambique aí novamente a bomba puxava pra levar pro aparelho, pro alambique pra fabricar a cachaça, quando saía de lá já saía pronta a cachaça, pra dorna pra ser negociada” (JOÃO LOBATO VILHENA / RECORTE DO DIÁRIO DE CAMPO).

Diante do diálogo acima, se é evidenciado que o “meio no qual vivemos traz as marcas do presente e de tempos passados” (FONSECA, 2009B, p. 117), pois em sua fala fica evidente que os locais de memória são constitutivos, ricos de possibilidades educativas e formativas que servem como base para o não esquecimento de uma história com grande significado para a vida pessoal do entrevistado e para a sociedade em volta, visto que se percebem ensinamentos detalhados de como acontecia a produção da cachaça desde o início até sua finalização destinada para o consumo e comercialização.

Em seguida, quando perguntamos ao entrevistado como se deu sua identificação de pessoa com esse lugar de memória em questão, ele esclarece que

“Representa um lugar que já teve trabalho “né”, e que hoje transmite uma certa tristeza porque hoje tem moradores lá que não dão importância ao trabalho que

já teve antes, não dão valor, por sinal já venderam tudo as ferragens que tinha lá. É uma memória de grande importância para a nossa identidade por que de certa forma o engenho serviu como fonte de renda e sobrevivência para muitas famílias, apesar de ser um trabalho pouco valorizado, principalmente para o dono do engenho, que enriquecia as custas dos trabalhadores” (JOÃO LOBATO VILHENA / RECORTE DO DIÁRIO DE CAMPO).

Após esse depoimento, o entrevistado relata ainda que tinham as pessoas cortadoras de cana, que eram responsáveis por manejar as mesmas e enviar para o engenho. Em seguida, quando indagado sobre como era esse lugar quando ele manteve seus primeiros contatos, o entrevistado relembra que seus “primeiros contatos foram com a carpintaria, trabalhava fazendo dorna, quando não tinha esses trabalhos eu trabalhava em embarcações, carregava cana, metia fogo na caldeira, metia a cana na moenda pra moer, assim que era, não era um trabalho fixo e específico”. Em prosseguimento a entrevista, foi perguntado como se dava a relação das pessoas com o lugar. O entrevistado descreve que “boa, não tinha discussões, a gente trabalhava tudo com amor, com brincadeiras, caçoando um do outro, era assim que se dava”. Quando instigado sobre as mudanças que ocorrem/ocorreram no lugar, e quais foram essas mudanças, ele relata que

“Foi bastante, quando eles, se apegaram já com um bom capital, os donos começaram a se ausentar do trabalho e entregaram para outras pessoas e outras pessoas novamente aconteceu que foram se aposentando e indenizaram algumas pessoas. Esse chegou a um ponto de que não deram valor ao nosso trabalho, pra eles importavam mais o “bolso” deles, uma espécie de trabalho escravo, quando as pessoas começaram a exigir uma posição por parte deles eles acharam melhor fechar as portas até mesmo porque a essas alturas eles estavam ricos e bem de vida em cima do trabalho de muita gente da época, tanto que hoje em dia o dono é fazendeiro, enquanto teve pessoas que trabalharam uma vida inteira nesse engenho e não tiveram nada” (JOÃO LOBATO VILHENA / RECORTE DO DIÁRIO DE CAMPO).

O sr. “Olívio” acrescenta em suas falas que ele saiu antes de seus amigos do engenho por que a partir de uma conversa que ele teve com o dono (Pedro Nobre) chegou à conclusão que não dava mais para trabalhar. O encaixe para isso foi as palavras do dono do engenho onde ele discorre o seguinte

“Que o ministério do trabalho estava chegando em Abaetetuba e qual iria prejudicar muito as indústrias, que os trabalhadores iriam ter que trabalhar de carteira assinada e com documentações, e todo fim de mês tinham que colocar um imposto nos salários dos trabalhadores pra colocar no ministério público, para trabalhar legalizado e ele chegou ao ponto de falar que as indústrias iam parar, e ele não ia dar conta de manter as responsabilidades pra se mantido uma empresa desta, uma indústria dessas com muitos trabalhadores” (JOÃO LOBATO VILHENA / RECORTE DO DIÁRIO DE CAMPO).

O entrevistado nos explicou que desse dia em diante resolveu “pular fora do barco” e trabalhar por conta própria, vendeu algumas criações que possuía e começou a trabalhar com

“marretagem” e assim por diante. Em seguida ao ser perguntado que sentimento possui pelo lugar (relação de pertencimento ou indiferença), o entrevistado responde que

“Eu possuo um sentimento de gratidão, gratidão pelo que foi o lugar pela memória que ficou, que foi bastante significativa para a construção do que sou hoje até mesmo como ser humano, a partir dessa realidade eu tomei pra minha vida como um ponto de reflexão pessoal e social, a partir dessa experiência passei a ser agricultor, plantava milho, plantava mandioca e assim por diante” (JOÃO LOBATO VILHENA / RECORTE DO DIÁRIO DE CAMPO).

O entrevistado ainda ressalta que seria tão bom se tivesse algo ainda no lugar do engenho que representasse de alguma forma a vivência que já teve naquele lugar, não pra questão do trabalho, mais naquele ponto, naquele lugar que representasse algo, não só pra comunidade do lugar mais também para as pessoas de fora que vem visitar. A partir dessa fala fica claro a preciosidade da memória e sua carga nostálgica para o entrevistado; percebe-se ainda uma tentativa de manter viva para outros aquilo que para ele foi parte importante em sua formação trabalhista, cultural e social.

Ele explica ainda que é um ponto que ficou muito marcado na vida de muita gente, foi a construção da identidade do povo da comunidade local. Em seguida, explicita sua tristeza por ver essa parte da história do Município cada vez mais sendo esquecida, ressalta que se lembra mas amanhã não sabe se vai poder contar essa história adiante. Essa triste constatação evidencia a necessidade de um trabalho de resgate para que a herança da cidade não seja perdida.

Em prosseguimento a entrevista ressalta-se que a cachaça era consumida e transportada para os barqueiros que levavam para o Amazonas, para outros lugares além do Município de Abaetetuba. Foi indagado ainda sobre a finalidade desse lugar, se tinha ou teve alguma outra importância para o município de Abaetetuba. Ele esclarece que

“A memória melhor e mais importante e que quem está dentro da terra que pertencia a eles (dono do engenho em questão) zelasse e fizesse algo de bom que viesse beneficiar A ou B, ai era muito importante isso ai, mais eles não fazem nada, eles procuram e acabar com o que tem, com o que ficou e amanhã não tem mais” (JOÃO LOBATO VILHENA / RECORTE DO DIÁRIO DE CAMPO).

O entrevistado reforça que o fechamento do engenho se deu por causa das questões trabalhistas que começaram a surgir na época, onde muitos trabalhadores começaram a exigir melhores condições de trabalho e por essas questões o dono do engenho resolveu que não iria se comprometer e se responsabilizar a assinar carteira de funcionários uma vez que todo mês deveria pagar impostos para a justiça, e aí resolveu fechar.

Um destaque importante a ser comentado também pelo entrevistado é que ele diz que, nesse cenário trabalhavam tanto homens quanto mulheres nessa fabricação de cachaça, o mesmo relatou: “as mulheres lavavam garrafa, e os homens trabalhavam no engenho”. Ao ser indagado sobre a produção se iria só pra fora, ele esclarece que não, e diz: “Saia para os bebedores, automaticamente todos que trabalharam naquela época com esse engenho consumiam também a cachaça, tinham o costume de beber frequentemente, até os quais não sabiam beber, passaram a beber a partir desse convívio”.

Entrevistamos também, no dia 31 de março, Braulino Vilhena Quaresma, 65 anos, que nasceu e criado na região das Ilhas, mas aos 31 anos, aproximadamente, mudou-se com sua família para a cidade por conta dos estudos dos filhos. Como ele relata “Eu fui morador do interior há muito tempo, conheço muito bem, não só a cachaça, como lavoura de canavial, como também outras coisas como ramo de cerâmica, nessas coisas, trabalhei tudo nisso aí, até pesca e camarão eu trabalhei.” Relata que deu tempo de vivenciar muita coisa no engenho de seu pai, e outras práticas na sua localidade.

Fotografia 2 – Segundo Entrevistado



Fonte: Erick Fernando Figueiredo Ferreira, 2022.

Logo no início da entrevista, o sr. Braulino nos relata os vários engenhos que conheceu e sempre visitava, quando morava na localidade.

“O meu rio de origem é Rio Piquiarana-miri, eu trabalhei em outros rios, mas sempre o meu rio de origem era lá. Eu conheci engenhos como São Sebastião logo no outro rio, sem ser o meu, e São Cláudio – Rio Arapapu, no Rio

Piquiarana Açú conheci o engenho por nome São Francico, no Rio Tauerá Açú eu conheci o engenho por nome São Luiz, e no rio acima da minha casa, no Piquiarana Açú tinha o engenho por nome São Pedro, e lá acima, esse que eu não sei o nome dele bem como era [...], se era São Luiz também, uma coisa assim. Mas eu vi vários engenhos, desde quando eu era moleque, até depois de rapaz assim, depois que foi começando a falir os engenhos, mas eu ainda vi muitos e muitos [...]" (BRAULINO VILHENA QUARESMA / RECORTE DO DIÁRIO DE CAMPO).

O entrevistado, descreve como se dava o processo para se chegar à garapa, desde a retirada da cana do roçado, com o processo do plantio, até a chegada no engenho, sendo transportada pelos rios até às beiradas do engenho.

"Essa cana, depois do roçado, o roçado é feito, roça, derruba, corta tudo e joga pra beira e planta a rama da cana, plantado tudo, ela brota, quando chega numa "paragezinha" já de três "parmo" tem que começar a capinar a primeira mão da capina, quando acaba da primeira, que ela já tá bem grande, já dá a segunda mão que chama-se "bateção", depois dessa "bateção" o roçado fica pronto pra esperar a hora da precisão só pra cortar, se quiser corta ela com menos de um ano pode cortar, mas a cana ainda tá verde... Com um ano ela já tá cana "madurona", aí tá, aí essa cana depois que é cortado todo em pedaço ela é "fechada", o cara vai joga no ombro e vai embarcar no "batelão", esse "batelão" prepara dois banco do "batelão" daqui e dois daqui, fica só aquela passagem no meio [...] Esse "batelão" vai até à beira do engenho, lá é jogado pra terra, tudo manual [...] Essa garapa, ela tinha que azedar, só que eu não "tô" bem certo se era cindo dias ou sete dias, ela passava num tanque [...] e quando "tava" no ponto, já de fazer a cachaça, aí era movido o alambique, tinha como puxar, pra ir graduando pra ir caindo só o líquido pra dorna, já o líquido, e aquela "surrapa" já ia caindo pra outro tanque. Tem um aparelho de você ver, nem só a cronometragem da caldeira como ela tá, porque ela tem que ter uma temperatura normalmente, senão ela explode, e tem o outro que é o aparelho de ver os graus da cachaça [...] essa cachaça depois que ela tá no grau ideal, enche uma dorna, passa, passa pra outra, depende que tenha o material ideal pra tá! Isso aí, engenho nenhum "lambica" todo dia, têm os dia de "lambicar" devidamente, os tanque tiverem pronto com a garapa pronta pra fazer a cachaça" (BRAULINO VILHENA QUARESMA / RECORTE DO DIÁRIO DE CAMPO).

Perguntamos se toda aquela vivência na localidade, na região das ilhas, presenciando a produção no engenho tinham algum significado pra eles, e nos relata fazendo uma comparação com a realidade naquela época e no hoje, fala o quanto eram difíceis as condições para se manter. Percebemos nesse momento, um ar de emoção ao falar da morte precoce de seu pai, aos 44 anos de idade, e assim, filhos e mãe, fazem de tudo para garantirem o alimento de cada dia.

"Não era bem no tempo como da escravidão, mas era quase igual! [...] Você fazia vinte "barcada" de cana, você recebia só dez! [...] Era lucro pros engenheiros? Era! Ele lhe pagava aquele X, e além daquilo quando eles não tinham você tinha que levar do balcão deles lá, fosse aquele peixe do Marajó, peixe seco que chamavam, capivara, jacaré, o quê tivesse lá você levava pra comer porque era obrigado [...] Através do Ministério do Trabalho foi que começou a dificuldade ser grande pros engenheiro [...] Aquela mordomia que era só de você ir "gasalhando" só pra você acabou, você já tinha também que

repassar até a mais [...]” (BRAULINO VILHENA QUARESMA / RECORTE DO DIÁRIO DE CAMPO).

Ao pedirmos para descrever como era o engenho, nos disse e percebemos pela forma de falar a emoção que era, e que repassava para a comunidade.

“Bonito o picadeiro, tudo “bacana”, cheio de cana, funcionando os engenhos, a ponte pra ir pra casa de morada, os “batelão” tudo chegando com cana, “tu é doido, bacana”, bonito mesmo, não era só lá como eu vi também em outros lugares, aquela penca de “batelão” trazendo [...] Movimento, seis horas da manhã, pra todo lugar você via o apito do engenho [...] seis horas da manhã em ponto era os apito dos engenho, meio dia de novo, de tarde seis horas da tarde, cinco horas hora do “paradeiro” do serviço de novo, era uma coisa “bacana”!” (BRAULINO VILHENA QUARESMA / RECORTE DO DIÁRIO DE CAMPO).

Indagamos ainda, sobre que sentimentos essa vivência proporcionou para ele e sua família, e também hoje em dia, e nos disse o seguinte:

“As vezes eu “tô” aqui, “tô” pensando e tal, era difícil? Era, como eu falo até pra minha esposa! [...] Mas eu era um cara muito “virado”, e não me arrependo do que eu passei em trabalho pesado, não, aquele tempo não me arrependo porque eu era bom de saúde, tinha disposição, e eu pra mim passar fome era só se Deus quisesse [...] Não tenho dizer assim: “Ah, eu graças a Deus vim mim bora do sítio não tô nem vendo!” Não, tenho saudade!” (BRAULINO VILHENA QUARESMA / RECORTE DO DIÁRIO DE CAMPO).

Percebemos na fala o sentimento de nostalgia que o entrevistado expressa, e inferimos que a memória é parte da concepção histórica do indivíduo que pode se tornar elemento essencial para a construção de conhecimento podendo ser transmitido para gerações seguintes. Segundo Bosi (1979),

a memória permite a relação do corpo presente com o passado e, ao mesmo tempo, interfere no processo "atual" das representações. Pela memória, o passado não só vem à tona das águas presentes, misturando-se com as percepções imediatas, como também empurra, "desloca" estas últimas, ocupando o espaço todo da consciência. A memória aparece como força subjetiva ao mesmo tempo profunda e ativa, latente e penetrante, oculta e invasora (BOSI, 1979, p. 9)

Ao analisarmos as entrevistas, percebemos a reafirmação de que a prática da produção da cachaça nos engenhos, foi um fato muito importante, e que marcou a história das pessoas, especialmente as mais idosas, e também a do Município de Abaetetuba. No entanto, todo esse marco não tem a visibilidade merecida tanto pelos habitantes do município quanto dos poderes públicos no âmbito cultural.

Além dos grandes nomes e personagens marcados na história, os trabalhadores, os de classe baixa, os que estão à margem também fizeram e fazem a história. Toda a narrativa nesta

escrita é carregada de sentimento e significados para a vida pessoal dos entrevistados, e também são de grande importância na construção da história do Município de Abaetetuba. Memórias como as apresentadas neste trabalho, devem ser inseridas no processo de ensino-aprendizagem na sala de aula. Fonseca (2009A) sugere como deve ser a atuação do educador, para uma melhor dinâmica com os educandos,

O professor de história, num determinado contexto escolar, com sua maneira própria de agir, ser, viver e ensinar transforma um conjunto de conhecimentos históricos em saberes efetivamente ensináveis e faz com que os alunos não só compreendam, mas assimilem e incorporem esses ensinamentos de variadas formas. No espaço da sala de aula, é possível o professor de história fazer emergir o plural, a memória daqueles que tradicionalmente não têm direito à história, unindo os fios do presente e do passado, num processo ativo de desalienação. Mas também pode, inconsciente ou deliberadamente, operar o contrário, apenas perpetuando mitos e estereótipos da memória dominante (FONSECA, 2009A, p. 34-35).

Cabe ao professor de História, e também ao profissional de Pedagogia, a tarefa de não somente aplicar os conhecimentos, mas ensiná-los objetivando a apreensão e apropriação, dando possibilidade para que educador e educandos sintam-se parte da história do lugar, do contexto em que encontram-se. A superação do modelo tradicional de se ensinar História, deve ser pensado e efetuado a partir de novos métodos, hoje possíveis a partir da Nova História.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Considerando-se que o principal objetivo proposto para este estudo consistiu em evidenciar a importância da história local para o ensino de história nos anos iniciais do ensino fundamental, podemos ressaltar que ainda há muito o que ser refletido para que a visão de um ensino de história tradicional visto pelos educandos e aplicado pelos educadores seja reestruturado na perspectiva da Escola dos Annales. Haja visto que a história local faz parte do cotidiano dos sujeitos no processo de ensino-aprendizagem, e devem ser inseridos nas aulas, utilizando como metodologia a memória que pode ser coletada pelos estudantes através da história oral.

Nesta pesquisa foi possível identificar a representação significativa da cachaça para o povo de Abaetetuba, visto que, ao dialogarmos com um determinado indivíduo a respeito da cidade é notório que automaticamente ressalta as lembranças dessa representatividade da cachaça. Nesse sentido, a produção da cachaça é um fator histórico tanto para quem vivenciou,

quanto para as pessoas que valorizam e preservam essa memória tão rica com suas características memoráveis para com o Município.

Sendo assim, a referida experiência contribuiu significativamente em meu processo formativo, uma vez que, foi possível obter um outro ponto de vista, a respeito de novas metodologias que podem ser usadas no ensino de história, além da importância de se valorizar a cultura local, bem como a valorização dessa história por meio da memória contada a partir de indivíduos que de alguma forma foram sendo desvalorizados.

REFERÊNCIAS

- ADICHIE, Chimamanda Ngozi. **O perigo de uma história única**. Companhia das letras. São Paulo, 2009. p. 1-30
- ALMEIDA, Jane Soares de. **Mulher e educação: a paixão pelo possível**. São Paulo: Editora UNESP, 1998.
- BITENCOURT, Circe Maria Fernandes. **Ensino de história: fundamentos e métodos**. 2. ed. São Paulo: Cortez, 2008.
- BOSI, Eclêa. **Memória e Sociedade: lembranças de velhos**. São Paulo: T. A. QUEIROZ, 1979
- CANTO, P. (Org.). **Patrimônio do nosso meio**. Programa de Arqueologia Preventiva da Companhia de Alumina do Pará: municípios de Barcarena e Abaetetuba. Belém: Ed. Açai, 2012.
- COSTA, Antônio Carlos F. A **Ciência da História, as Escolas Históricas e o Ensino de História nos Anos Iniciais: Alguns excertos na formação de professores generalistas**. Revista Horizontes Históricos. São Cristóvão (SE). v.3. n.1. jan- jun 2021. Disponível em: <<https://seer.ufs.br/index.php/HORIZONTES/issue/view/1095>> acesso em: 27 Mar.2022
- FERREIRA, Erick Fernando Figueiredo. **Segundo Entrevistado**. 2022, 1 Fotografia.
- FERREIRA, Marieta de Moraes. História Oral: um inventário das diferenças. In: **Entrevistas: abordagens e usos da história oral**. Rio de Janeiro: Editora da Fundação Getúlio Vargas, 1994.
- FONSECA, Selva Guimarães. **Didática e prática do ensino de história: experiências, reflexões e aprendizados**. 8. ed. Campinas, SP: Papirus, 2009A
- FONSECA, Selva Guimarães. **Fazer e Ensinar História**. Belo Horizonte: Dimensão, 2009B.
- GIL, A. C. **Como elaborar projetos de pesquisa**. São Paulo, SP: Atlas, 2002.
- VILHENA, Ivone Barbosa. **Primeiro Entrevistado**. 2022. 1 Fotografia.
- NASCIMENTO, S. B.; MORAIS, S. P. F. Práticas inconfindentes do ensino de história e na formação continuada de professores para os anos iniciais do ensino fundamental. *in*: RIBEIRO, M. E.; CUNHA, D. A.; PEREIRA, E. N. G (orgs.). **Formação continuada de professores: entrelaçando saberes e práticas inovadoras**. Castanhal, PA: GEPPE, 2013. 178 p.
- NORA, P.; AUN KHOURY, T. Y. ENTRE MEMÓRIA E HISTÓRIA: A PROBLEMÁTICA DOS LUGARES. **Projeto História : Revista do Programa de Estudos Pós-Graduados de História**, [S. l.], v. 10, 2012. Disponível em: <https://revistas.pucsp.br/index.php/revph/article/view/12101>. Acesso em: 28 jan. 2023.
- SILVA, Kalina V.; SILVA, Maciel H. **Dicionário de conceitos históricos**. 2. ed., 2ª reimpressão. São Paulo: Contexto, 2009. pág. 324 à 327.

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Título da Pesquisa: O ensino de História nos anos iniciais do Ensino Fundamental I: A Cachaça como “lugar de memória” no município de Abaetetuba.

Nome do Pesquisador: Erick Fernando Figueiredo Ferreira.

Nome do Orientador: Sérgio Bandeira do Nascimento.

Consentimento Livre e Esclarecido

Declaro que recebi cópia deste termo de consentimento, e autorizo a realização da pesquisa e a divulgação dos dados obtidos no estudo: “A Cachaça como lugar de memória no município de Abaetetuba”

Abaetetuba/Pará, em 11 de maio de 2023.

Débora Pereira da Silva

Assinatura do Participante da Pesquisa

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Título da Pesquisa: O ensino de História nos anos iniciais do Ensino Fundamental I: A Cachaça como “lugar de memória” no município de Abaetetuba.

Nome do Pesquisador: Erick Fernando Figueiredo Ferreira.

Nome do Orientador: Sérgio Bandeira do Nascimento.

Consentimento Livre e Esclarecido

Declaro que recebi cópia deste termo de consentimento, e autorizo a realização da pesquisa e a divulgação dos dados obtidos no estudo: “A Cachaça como lugar de memória no município de Abaetetuba”

Abaetetuba/Pará, em 11 de maio de 2023.

Joane Barbosa de Vilhena
Assinatura do Participante da Pesquisa

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Título da Pesquisa: O ensino de História nos anos iniciais do Ensino Fundamental I: A Cachaça como “lugar de memória” no município de Abaetetuba.

Nome do Pesquisador: Erick Fernando Figueiredo Ferreira.

Nome do Orientador: Sérgio Bandeira do Nascimento.

Consentimento Livre e Esclarecido

Declaro que recebi cópia deste termo de consentimento, e autorizo a realização da pesquisa e a divulgação dos dados obtidos no estudo: “A Cachaça como lugar de memória no município de Abaetetuba”

Abaetetuba/Pará, em 11 de maio de 2023.



Assinatura do Participante da Pesquisa

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Título da Pesquisa: O ensino de História nos anos iniciais do Ensino Fundamental I: A Cachaça como “lugar de memória” no município de Abaetetuba.

Nome do Pesquisador: Erick Fernando Figueiredo Ferreira.

Nome do Orientador: Sérgio Bandeira do Nascimento.

Consentimento Livre e Esclarecido

Declaro que recebi cópia deste termo de consentimento, e autorizo a realização da pesquisa e a divulgação dos dados obtidos no estudo: “A Cachaça como lugar de memória no município de Abaetetuba”

Abaetetuba/Pará, em 11 de maio de 2023.



Assinatura do Participante da Pesquisa

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Título da Pesquisa: O ensino de História nos anos iniciais do Ensino Fundamental I: A Cachaça como “lugar de memória” no município de Abaetetuba.

Nome do Pesquisador: Erick Fernando Figueiredo Ferreira.

Nome do Orientador: Sérgio Bandeira do Nascimento.

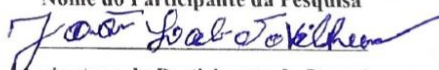
Consentimento Livre e Esclarecido

Eu, de forma livre e esclarecida, manifesto meu consentimento em participar da pesquisa. Declaro que recebi cópia deste termo de consentimento, e autorizo a realização da pesquisa e a divulgação dos dados obtidos no estudo: “A Cachaça como lugar de memória no município de Abaetetuba”

Abaetetuba/Pará, em 11 de maio de 2023.

JOÃO LOBATO VILHENA

Nome do Participante da Pesquisa



Assinatura do Participante da Pesquisa

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Título da Pesquisa: Ensino de História nos anos iniciais do Ensino Fundamental I: A Cachaça como lugar de memória no município de Abaetetuba

Nome do Pesquisador: Erick Fernando Figueiredo Ferreira.

Nome do Orientador: Sérgio Bandeira do Nascimento.

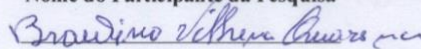
Consentimento Livre e Esclarecido

Eu, de forma livre e esclarecida, manifesto meu consentimento em participar da pesquisa. Declaro que recebi cópia deste termo de consentimento, e autorizo a realização da pesquisa e a divulgação dos dados obtidos no estudo: "A Cachaça como lugar de memória no município de Abaetetuba"

Abaetetuba/Pará, em 11 de maio de 2023.

BRAULINO VILHENA QUARESMA

Nome do Participante da Pesquisa



Assinatura do Participante da Pesquisa